REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 57
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 57
SABERES ACADÊMICOS E SEUS RESULTADOS: CONCEPÇÕES EM ARTE

PERIGO EM ALTO MAR: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO DA AULA DE ARTE/TEATRO, DA ESCOLA E DA VIDA DE TODOS OS DIAS

DANGER AT SEA: REFLECTIONS ON THE TIME OF THE ART/THEATRE CLASSROOM, SCHOOL AND EVERYDAY LIFE

Túlio Fernandes Silveira
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis, SC/Brasil

Resumo: Este artigo reflete de forma ensaística sobre a questão do tempo na/da educação escolar, mais especificamente, através do olhar da aula de Arte/Teatro. Para isso, o autor discute sobre algumas temporalidades, como: o esgotamento do tempo na vida cotidiana – que parece sempre estar correndo e não sendo capaz de deixar marcas nos sujeitos, o tempo da escola – que frequentemente é influenciado pela lógica do mercado, distanciando-se de um tempo liberto das obrigações produtivas, e um tempo concebido pelo ensino de Teatro no espaço escolar – que, em sua visão, possui potencialidade para criar uma outra lógica de tempo na sala de aula. Com isso, o texto se questiona sobre a instauração de uma zona temporal de perigo suscitada ao se investir em ações *escolares* na aula de Arte/Teatro por meio da tentativa de aproximação de um tempo da *experiência*, de um tempo *aión*. A partir da defesa da aula de Teatro na escola como um espaço-tempo inútil e perigoso, o autor embasa sua argumentação em referências como Larrosa (2016, 2018), Krenak (2020), Kohan (2020), Masschelein e Simons (2021), Pavis (2008) e Rancière (2022) e nas literaturas de Lee (2018) e Nogués (2020).

Palavras-chave: Experiência. Teatro na Escola. Pedagogia das Artes Cênicas.

Abstract: This article presents an essayistic reflection on the issue of time in/of school education, more specifically, through the perspective of Art/Theatre class. To accomplish this, the author discusses various temporalities, such as: the exhaustion of time in everyday life – which always seems to be rushing and unable to leave marks on individuals; the time of the school – which is often influenced by market logic, distancing itself from a time liberated from productive obligations; and a time conceived by the teaching of Theatre in the school space – which, in the author's view, holds the potential to create a different logical timeframe in the classroom. Thus, the text questions the establishment of a temporal zone of danger brought about by investing in school actions in the Art/Theatre class through an attempt to approach a time of experience, aión time. Defending Theatre class in school as a useless and dangerous space-time, the author supports their argument with references such as Larrosa (2016, 2018), Krenak (2020), Kohan (2020), Masschelein and Simons (2021), Pavis (2008), Rancière (2022) and in the literatures of Lee (2018) and Nogués (2020).

Keywords: Experience. Theater at School. Performing Arts Pedagogy.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 57
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 57
SABERES ACADÊMICOS E SEUS RESULTADOS: CONCEPÇÕES EM ARTE

1 CORPO A CORPO COM O MAR (NOVAMENTE[1])

Imagine um imenso mar à sua frente. A brisa da praia refresca os poros da pele, a areia às vezes gruda nos pés, mas a sensação é gostosa. Os pés estão descalços sentindo o chão. Todos também estão ali, no seu lado direito e esquerdo. Todos estão descalços e sentindo a mesma brisa, a mesma areia. Mas não da mesma forma. Cada um sente com o seu corpo, de uma forma única. Cada um ali possui vontade de algo, sede por alguma coisa. Alguns não sabem ainda o que possuem vontade de experimentar, outros vão descobrir com o passar do tempo, outros ainda vão mergulhar em algumas dessas coisas profundamente. Alguns estão abertos ao desconhecido, outros fechados a tudo que pode causar medo ou mudanças drásticas no corpo. Alguns estão se conhecendo, tomando conhecimento desses seres que estão ao seu lado e também de si próprios. Alguns, dependendo do dia, da maré, do clima ou da estação do ano, transitam entre essas possibilidades.

Todos estão olhando para a imensidão do mar, juntos. Todos ali são iguais. Entretanto, à sua maneira. Existem outros seres ali também. Todos os dias eles vêm nos conduzir ao mergulho no mar. Não necessariamente para chegar a algum lugar, para encontrar uma ilha, ou para descobrir novas terras para colonizar, por exemplo. Não! Estão ali simplesmente para nos pegar pela mão e nos ensinar modos e maneiras de nadar neste mar, de prestar atenção nas materialidades dessa praia, de se demorar nos detalhes da imensidão azul do mar e do céu. De tomar consciência de partes desse grande mundo ao nosso redor.

[1] Meu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Teatro, intitulado *Navegações entre arte e docência: cartas sobre o ofício de professor(a)* de teatro (2022), teve como metáfora poética a navegação em alto mar. Naquele período, o foco do trabalho era refletir sobre alguns modos e maneiras de fazer em sala de aula. Agora, a metáfora da navegação me inspira a refletir sobre o espaço-tempo escolar e sobre algumas temporalidades. O que me instigou a retornar para essa metáfora foi a afetação pelos escritos de Larrosa (2016) sobre o sujeito da experiência, em que o autor enfatiza que podemos relacionar esse sujeito com a figura do pirata: a noção de *experiência,* para o autor, tem relação com o perigo.

Túlio Fernandes Silveira - PERIGO EM ALTO MAR: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO DA AULA DE ARTE/TEATRO, DA ESCOLA E DA VIDA DE TODOS OS DIAS. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.57, nº57, p. 1-21, e1283, 2023.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



Sobre o ato de nadar nesse mar: às vezes esses seres precisam nos ensinar braçadas fortes para atravessar as ondas, outros ensinam como mergulhar e passar por baixo das ondas, outros se interessam pelos microrganismos presentes naquela água salgada, outros investem na possibilidade de mergulhar com os olhos abertos. Alguns oferecem boias para nos salvar de deslizes em buracos muito profundos, há aqueles também que nos ensinam a ir contra a forte corrente. Mas, infelizmente, há também aqueles que nos desmotivam a voltar para a areia da praia e colocar os sapatos, impondo que fiquemos observando nossos colegas nadadores a realizar de modo correto o ato de nadar na imensidão azul. Enfim, vários são os modos de ser e fazer desses seres na praia. Vou chamar todos eles aqui de piratas!

2 SOBRE ESTE ESPAÇO-TEMPO CÍCLICO

Estando como discente da disciplina *A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola (Abordagens Metodológicas),* vinculada ao Mestrado Profissional de Artes - Prof-Artes da UDESC, ministrada pela Profa. Dra. Heloise Baurich Vidor, pude (re)tomar, me aprofundar em leituras, conteúdos e estudos que, em sua maioria, já havia tido contato anteriormente de alguma forma na graduação em Licenciatura em Teatro na mesma universidade. Faço questão de pontuar esse ato de (re)começar, (re)tornar, (re)ler, (re)incorporar questões durante a disciplina, tentando experimentar um lugar mais de passividade e de ouvinte do que de atividade, no sentido de, inspirado pelos escritos de Larrosa (2016), quis experimentar uma abertura a novos acontecimentos em meu corpo junto a um novo grupo de pessoas que ali se reuniam para refletir sobre Arte e Educação. Por isso, enfatizo que experienciei, nesta disciplina, um espaço-tempo *cíclico,* em que as questões se (re)petiram, se (re)transformaram, se (re)conectaram a partir das minhas visões de hoje e da interação com um novo grupo de pessoas, sendo elas professoras de Arte da rede pública de ensino.

Em relação aos atravessamentos durante o semestre, por conta da insistência na reflexão sobre a escola a partir de um olhar filosófico, o que mais me inquietou foi

Túlio Fernandes Silveira - PERIGO EM ALTO MAR: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO DA AULA DE ARTE/TEATRO, DA ESCOLA E DA VIDA DE TODOS OS DIAS. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.57, nº57, p. 1-21, e1283, 2023.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



querer pensar sobre a noção de tempo na/da educação escolar e como nossa ação professoral afeta tal questão. Nesse sentido, me pergunto: O que é o tempo na/da educação? Quais são as temporalidades em que estamos imersos enquanto professor de Arte/Teatro? Porque é importante pensar sobre o tempo em meio à "falta de tempo" da vida contemporânea? Quais tempos a própria linguagem da Arte/Teatro dentro do espaço escolar evoca? Em que medida refletir sobre esses tempos pode auxiliar minha prática artístico-pedagógica em sala de aula?

3 SOBRE ALGUMAS TEMPORALIDADES: A VIDA DE TODOS OS DIAS, A ESCOLA, A AULA DE ARTE/TEATRO

I

Para iniciar nossa reflexão sobre o tempo na/da educação escolar acredito ser de extrema importância pensarmos sobre como estamos vivenciando o tempo cotidianamente em nossa sociedade. Especialmente, podemos fazer uma conexão direta com a falta de tempo e a aceleração dos dias de hoje, que corriqueiramente é comentada em diversas instâncias da vida, por exemplo na mídia. Um fato evidente que acentua esse tempo acelerado é a presença cada vez maior dos meios tecnológicos em nossas vidas. As redes sociais, a internet, os smartphones criam uma ideia de constante disponibilidade, na qual somos bombardeados diariamente e a todo momento por notícias, mensagens e atualizações. Essa sobrecarga de informações e a pressão para estar sempre conectado contribuem para uma sensação de urgência e falta de tempo. Quanto mais atormentados pelas demandas do tempo da vida de todos os dias, menos tempo possuímos para realizar atividades que aos olhos da produtividade não possuem utilidade alguma, como: brincar, estudar, cozinhar, entre outras.

Frequentemente, o tempo em casa, em família, no mercado de trabalho e, até mesmo, no espaço de lazer é constantemente preenchido. Este último parece já não implicar necessariamente em relaxamento, até mesmo o tempo de lazer se transformou em tempo produtivo. Isso porque, o relaxamento pode ser visto como

Túlio Fernandes Silveira - PERIGO EM ALTO MAR: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO DA AULA DE ARTE/TEATRO, DA ESCOLA E DA VIDA DE TODOS OS DIAS. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.57, nº57, p. 1-21, e1283, 2023.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br

um momento capaz de restaurar nossa energia para, posteriormente, estarmos "carregados" e prontos para realizar novas atividades úteis. Nesse sentido, nós estamos sempre ocupados/as, tentando equilibrar as áreas da vida em um cronograma apertado de tempo.

Entendendo que a sociedade contemporânea valoriza a produtividade e o sucesso e, muitas vezes, mede o valor das pessoas com base em suas conquistas e realizações, cria-se então uma pressão para "aproveitarmos" ao máximo cada minuto no sentido de produzir com excelência. A competitividade e a busca por eficiência levam a uma sensação de que o tempo está escapando, não sendo suficiente para todas as nossas demandas, e que nunca conseguiremos alcançar nossas metas de forma suficiente. Isso torna nosso tempo também um produto em meio a lógica produtiva do mercado. Krenak (2020), filósofo indígena brasileiro, critica a forma como o modo de vida ocidental acaba formatando o próprio mundo como mercadoria, na qual nós todos/as somos condicionados/as desde a infância a seguir um roteiro predefinido de realizações e papéis sociais: é necessário ser alguém na vida! Não qualquer um, mais alguém de sucesso!

Nesse sentido, ao colocar em perspectiva a questão do tempo na sociedade contemporânea, trago o pensamento de Kohan (2020), professor argentino que trabalha no Brasil no campo da filosofia da educação, no qual retoma a noção de tempo para os gregos antigos. Para eles, existem três palavras que definem o tempo. O primeiro deles é *khrónos*, um termo que se refere ao tempo cronológico, medido em horas, minutos e segundos. É o tempo quantificável, que nos permite organizar nossas atividades diárias e sincronizar nossas vidas com o relógio. No entanto, atualmente, o tempo *khrónos* parece ganhar uma nova qualidade, caracterizada pela pressa, pela urgência e por uma sensação de escassez. Em maior ou menor grau a sensação de "passagem acelerada" do tempo *khrónos* traz como consequência dificuldades para se experimentar outras formas de temporalidades.



Assim sendo, não estamos vivenciando menos tempo cronológico em questão de quantidade, ele continua sendo medido da mesma forma (um minuto corresponde a sessenta segundos, por exemplo), mas a demanda produtiva exacerbada faz parecer para nós que esse tempo se tornou incontrolável. No entanto, essa busca incessante por atingir metas e ser produtivo em nossa sociedade neoliberal, muitas vezes nos afasta de vivências significativas e de um tempo de fruição. Estamos constantemente absorvidos por uma corrente de informações, opiniões e tarefas, sem que nada realmente nos aconteça ou marque profundamente nossos corpos. Essa ideia é expressa por Larrosa (2016), professor espanhol e filósofo da educação, na qual argumenta que estamos imersos em uma lógica de absorção de um número gigantesco de informações, mas que nada realmente fica, permanece em nós. Essa aceleração temporal vivenciada na contemporaneidade estaria provocando um empobrecimento significativo da subjetividade dos sujeitos em termos da *experiência*[2] (Larrosa, 2016).

Em suma, o tempo da vida de todos os dias é marcado pelo excesso, pela pressa e pela lógica produtiva. O neoliberalismo e a busca incessante por produtividade e sucesso contribuem para uma sensação de escassez e urgência em nossos corpos. A sobrecarga de informações, a constante disponibilidade e a competitividade exacerbada no mercado de trabalho contribuem para essa sensação de aceleração do tempo *khrónos*. Relacionando essa questão com a necessidade de se dar uma utilidade ao próprio tempo atualmente, nas palavras do filósofo indígena brasileiro: “A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente que reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (Krenak,

[2] O autor é muito conhecido por debater a noção de *experiência* no livro *Tremores: escritos sobre experiência* (2016). Entretanto, o próprio autor revisita o termo no livro *P de professor* (2018) quando é questionado sobre o uso dessa palavra na atualidade. Larrosa enfatiza que cansou do termo por ele ter sido cooptado pelo mercado, por exemplo, em relação a venda de experiências pela lógica mercadológica e a apropriação narcísica do termo. Em relação a este texto, escolho trabalhar com a noção de *experiência* por conta de acreditar que ela nos auxilia para se pensar a questão do tempo na/da educação escolar. Ao longo do texto, utilizo a palavra *experiência* em itálico para enfatizar o termo no sentido que Larrosa traz: como aquilo que nos passa, nos acontece, que é capaz de deixar marcas (Larrosa, 2016).



2020, p. 108). Nesse contexto, é importante refletirmos sobre a necessidade de resgatar um tempo de fruição, de oportunidade e intensidade, que nos permita experienciar outros sentires em nossos corpos e no nosso cotidiano, na vida de todos os dias.

II

A partir dessa primeira ideia de temporalidade, que intitulei de tempo da vida de todos os dias, convoco Sofia, personagem do livro *Praia dos Inúteis* (2020), para continuar nosso diálogo sobre o tempo. A menina de onze anos e meio deixa sua turma da escola perplexa ao afirmar que quando crescer gostaria de ser inútil, após um questionamento da professora sobre o futuro dela e de seus colegas. Sofia prefere música clássica às contas da área de exatas, ama a praia nos períodos de inverno, na qual está quase sempre vazia, e odeia quando seu pai afirma que ela precisa pensar sobre o seu futuro, que precisa saber como "ganhar a vida" (Nogués, 2020, p. 31). Na literatura, a personagem insiste em interromper o fluxo de tempo caótico contemporâneo da vida de todos os dias e o tempo produtivo que também invade cotidianamente sua escola – e nossas escolas – ao responder simplesmente que a utilidade não a representa e mostrar ao longo do livro que sua curiosidade é para com os detalhes poéticos do mundo.

Com isso, para refletir sobre as temporalidades na/da escola coloco em evidência a resposta de Sofia a sua professora: "Eu quero ser inútil" (Nogués, 2020, p. 5). O que a menina, estudante do ensino fundamental, queria dizer ao responder de forma tão espontânea? O que causou perplexidade nos envolvidos na narrativa? Ao meu ver, foi a potência desse discurso de quebrar com a lógica do tempo *khrónos* (Kohan, 2020). Se o padrão era responder sobre seu futuro, seu vir a ser, seu *ganhar a vida* – algo que Sofia odiava ouvir dos adultos –, a menina subvertia a lógica de finalidade dada a sua decisão precoce sobre o que seria quando crescesse.

O que a menina, provavelmente, não sabia era que sua resposta condizia com a questão da inutilidade – e do tempo –, que está presente no termo "escola" se

Túlio Fernandes Silveira - PERIGO EM ALTO MAR: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO DA AULA DE ARTE/TEATRO, DA ESCOLA E DA VIDA DE TODOS OS DIAS. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.57, nº57, p. 1-21, e1283, 2023.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



pensarmos em seu sentido etimológico. Recorro a Rancière (2022), filósofo e professor francês, para refletir sobre o tempo escolar, especialmente quando traz que as escolas não passam de uma forma, o que torna a escola uma escola, na visão do autor, seria a *forma-escola*, uma forma simbólica e pedagógica. Nesse sentido, ela pode ser entendida como uma separação de tempos e espaços e é resgatada como a noção de *skholé*, termo da Grécia Antiga, que propõe a separação de dois tempos: aquele das demandas do trabalho e da produção que faz com que não se tenha tempo, e outro, sendo aquele liberto das exigências do trabalho, portanto existe um tempo livre[3]. Literalmente, *skholé* significa tempo livre, que segundo Masschelein e Simons (2021), filósofos belgas da educação, o espaço-tempo escolar fornece uma separação e uma suspensão do tempo produtivo. Para Kohan (2020), essa ação acontece no sentido de separação das exigências escolares e das exigências extraescolares. Consequentemente, pensando a partir da escola enquanto forma, o espaço escolar tem mais a ver com separação do que com preparação, no sentido de se preparar para *ganhar a vida* – como na literatura de Sofia. Podemos intuir através dos argumentos dos filósofos que o *fazer escola* acontece simbolicamente quando o professor ou a professora fecham a porta da sala de aula e assim promovem a separação entre tempos: um externo ao espaço escolar e um interno a ele, sendo a própria escola vista como um espaço-tempo livre, de suspensão das demandas produtivas (Masschelein, Simons, 2021).

Entretanto, os próprios autores indicam que a instituição escolar contemporânea está descompensada em relação a esta forma. Rancière (2022) afirma que “a instituição escolar não é [...] a instituição do *skholé”* (p. 40), ou seja, para o autor, é evidente que a instituição escolar contemporânea se afasta da *forma-*

[3] É importante acentuar que, utilizando como referências esses autores da Filosofia da Educação, estou pensando no tempo na/da escola pública, já que na escola particular há a relação de empresa e cliente por conta da mensalidade paga (dinheiro) pelos responsáveis para fornecer estudo para seus filhos e filhas. Para Kohan, em entrevista publicada no artigo de Dário e Silva (2018), na escola privada há a questão do negócio, sendo que essa palavra vem do latino *neg-otium*. O sulfixo *otium* é um equivalente latino de *skholé*, tempo livre. Portanto, quem faz um n*eg-otium* (negócio), faz necessariamente uma anti-escola, já que negam o que a escola é no seu sentido mais estrito: um tempo liberado (Kohan, 2020).

escola. Para o filósofo francês, o tempo da escola está quase se igualando ao tempo da sociedade (pode ser entendido como tempo da vida de todos os dias). O autor acrescenta que esse tempo da sociedade se infiltra na escola e faz com que se mascare uma não hierarquia, uma não competição, mas que isso não é real. Olhando para as escolas atuais, é possível perceber a existência daqueles que acompanham e aqueles que não acompanham esse tempo, gerando um fluxo temporal desigual (Rancière, 2022).

Se pensarmos junto de Kohan (2020), em relação às três formas temporais da Grécia Antiga, podemos perceber que o tempo *khrónos* está presente no tempo do sistema educativo e das instituições educacionais. As divisões em níveis de ensino, nas quais cada etapa deve preparar para uma nova etapa que vem a seguir, a existência de avaliações para averiguar se os/as estudantes aprenderam o suficiente ou não. Esse é o tempo que os relógios escolares medem e os calendários organizam. Na escola, assim como em nossa sociedade, o tempo *khrónos* é o tempo imediato, que está sempre correndo de forma uniforme, sucessiva e consecutiva (Kohan, 2020). O sistema educacional atual, portanto, organiza os/as estudantes de forma cronológica no espaço escolar.

Curiosamente, para Masschelein e Simons (2021), a escola é uma invenção política específica da polis grega e que, naquela época, a escola surgia com a ideia de se apoderar do tempo das elites aristocráticas e militares. Nesse sentido, a escola suspendeu uma ordem desigual de tempo, vista como natural; ela fornecia tempo livre para aqueles que por conta de seu nascimento e, consequentemente, sua posição na sociedade, não tinham direito legítimo de reivindicá-lo. Estar na escola, para Masschelein e Simons (2021), deveria ser um espaço de possibilidade de experienciar um tempo indefinido no qual o/a estudante não tem acesso fora do ambiente escolar (na sociedade, no trabalho e na família). Portanto, ao colocar a questão do tempo em perspectiva podemos constatar junto dos autores que na verdade atualmente o que chamamos de escola é uma *escola desescolarizada*, isto é, a escola vem sendo usurpada de seu tempo livre, vem sendo roubada de seu

Túlio Fernandes Silveira - PERIGO EM ALTO MAR: REFLEXÕES ACERCA DO TEMPO DA AULA DE ARTE/TEATRO, DA ESCOLA E DA VIDA DE TODOS OS DIAS. Revista da FUNDARTE. Montenegro, v.57, nº57, p. 1-21, e1283, 2023.
Disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br



caráter escolar. No caso, podemos perceber que o tempo *escolar*, seria um tempo ligado ao surgimento da escola na Grécia Antiga, com a intenção de providenciar um tempo livre aos envolvidos, e que o *tempo da escola* está sendo diariamente cooptado pela lógica produtiva. Se o tempo da escola se torna produtivo, ele deixa de ser *escolar*.

Sabendo disso, recorremos novamente à visão dos gregos antigos para uma outra palavra que pode ser traduzida como tempo: *kairós* (Kohan, 2018, 2020). Esse tempo pode ser visto de forma mais qualitativa, diferente da forma quantitativa do tempo *khrónos*. *Kairós* se faz presente em um momento de oportunidade, uma ocasião adequada que se experimenta algo que não é possível ser experimentado em outro momento, tempo ou lugar, da mesma forma. Neste caso, podemos intuir que é um tempo não uniforme, não linear e que não é capaz de ser sentido por todos/as da mesma forma, por conta dessa sua característica de unicidade e momentaneidade. Entretanto, o que esse tempo tem a ver com o espaço-tempo escolar? *Kairós* pode coincidir com algumas vivências pedagógicas específicas na escola, quando estas se tornam oportunas para determinados/as estudantes. Nesse sentido, como cada estudante vem de um contexto social e cultural particular, possuindo suas próprias histórias de vida, o momento oportuno do tempo *kairós* é diferente para cada sujeito. Além do que, vivências pedagógicas podem se tornar inoportunas para determinados estudantes em determinados momentos.

O interessante de se pensar esse tempo na escola, ao meu ver, é perceber que mesmo em meio ao tempo cronológico do cotidiano, certas vivências pedagógicas podem coincidir com um momento oportuno para determinados/as estudantes e se configurarem como um momento importante de formação. Entretanto, em minha visão, *kairós* ainda está localizado em uma lógica de tempo linear, no qual algo especial em um instante exato acontece, com influência do contexto e das circunstâncias, mas não é capaz de prolongar o tempo com o sujeito, deixando marcas, por exemplo.

Voltando ao que Sofia nos ensina no livro *A praia dos inúteis* (2020), evidencio uma passagem em que a menina vive uma *experiência* que talvez se aproxime desse momento marcante que tento descrever; a própria personagem possui dificuldade em descrevê-lo. Como amante da praia aos invernos, a menina narra:

> Depois de uma semana inteira de ventania, o sábado amanheceu calmo. Fomos correndo para a praia com a ideia de passarmos a manhã escorregando dunas abaixo. [...] A praia parecia um postal. [...] Descendo pelo caminho inclinado, começamos a ouvir uma música… [...] Continuamos a descida como se entrássemos num sonho. Já lá embaixo, nós o vimos: três moças tocando violino e um rapaz, sentado sobre uma pedra, arranhando as cordas de um violão. [...] A encosta e a praia formavam o palco; o mar era a plateia. Paramos, enfeitiçados. [...] Começamos a dançar. [...] Dancei e dancei, sentindo-a e me sentindo leve como uma pluma. Se o tempo passou ou parou, não sei. De repente, o Frodo me cutucou nas costas e me mostrou o relógio. Estava na hora do almoço! Saímos dali correndo, acenando em despedida [...] Não. Não voltamos a vê-los. Apareceram e desapareceram como o nevoeiro. Cheguei a pensar que tinham sido visões. [...] Não estavam ensaiando. Não havia público. Eram pura alegria à solta. Tocavam pelo gosto de tocar. [...] Eles não faziam música, eram a música. Não dançavam, eram a dança. Não estavam na praia, eram a praia. (NOGUÉS, 2020, p. 51-54).

O que Sofia nos instiga a pensar quando não perde a capacidade de descrever o momento de forma objetiva quando experienciar a Arte – a Música e a Dança, nesse caso – com seus amigos na praia? Ao voltar a atenção novamente para o tempo *khrónos*, quando seu amigo lembra das horas no relógio, a menina afirma que “Se o tempo passou ou parou, não sei”. Aqui podemos perceber que a menina vivenciou uma outra lógica de tempo, os minutos e segundos pareciam se dilatar, ou ainda, foram esquecidos. Seria essa dimensão da *experiência* vivida na praia por meio da Arte uma outra lógica de tempo possível de se experimentar em meio ao tempo da vida de todos os dias? Caso Sofia pudesse experienciar algo parecido com essa vivência da praia em sua própria escola, será que perceberia um espaço-tempo parecido com aqueles vividos fora da escola, na literatura? Nesse sentido, lançando nosso olhar para a aula de Arte na escola, especificamente no



campo do Teatro, como poderíamos pensar o ato de teatrar pelo gosto de se fazer teatro? Assim como os músicos que tocavam na praia de Sofia simplesmente tocavam pelo gosto de tocar. Como suscitar o estudo em teatro pelo gosto de estudar teatro? Nesse sentido, qual a potência de se excluir a necessidade de dar utilidade aos estudos e assim apostar na descoberta e na incerteza de se viver uma *experiência* na escola?

III

O corte abrupto no espaço-tempo criado, assim como na *experiência* vivida na praia por Sofia com os músicos desconhecidos, acontece na investigação criativa da potência das sombras no sótão da casa de uma menina, narrado em imagens pelo livro *Sombras* (2018) de Suzy Lee[4]. A frase "O jantar está pronto!", dita provavelmente por sua mãe, cria uma cisão no tempo instaurado pela descoberta artística da menina com os móveis e objetos de casa guardados no sótão e que ganham vida através das sombras. Dois mundos bem marcados: o real, dos objetos cotidianos desenhados em preto em cima de um fundo branco nas páginas do livro, e o irreal/ficcional, registrados em desenhos opacos e sem detalhes, somente com silhuetas pretas. O que chama atenção é que as sombras começam a ganhar vida (envoltas da cor amarela) quando a menina vai descobrindo a magia na Arte. A sombra de um lobo é feita com seu próprio corpo ao pular no ar e um sapato com a sola rasgada, a de um pássaro é criada com suas mãos. As sombras logo começam a penetrar o mundo real, o amarelo vai tomando conta das páginas, como se esses dois espaços-tempos já não possuíssem mais distinção. No auge da brincadeira/descoberta a mãe da menina chama-a para jantar. Ela desliga as luzes e sai do sótão. Nas últimas páginas da literatura, mostra-se as sombras das criaturas

[4] Este livro foi apresentado para a turma da disciplina de Pós-Graduação na ocasião de apresentação de um estudo dirigido. A sinopse do livro *Sombras* (2018) presente em sites da internet informa que: "A aventura começa quando uma menina acende a lâmpada de seu sótão. De repente, um mundo novo aparece diante de seus olhos. Todos os utensílios guardados se transformam em seres completamente diferentes: borboletas, elefantes, lobos... uma floresta inteira! E com eles a pequena dança, ri, se esconde e derrota monstros com dentes afiados. Quando ela é chamada para o jantar, precisa apagar a lâmpada, fazendo o mundo de sombras desaparecer das páginas. Mas ele continua guardado carinhosamente nas lembranças da menina e do leitor".

criadas ainda em festa em meio a imensidão amarela, mesmo com os objetos permanecendo inanimados na escuridão.

O que quero chamar atenção a partir dessa literatura é esse espaço-tempo outro, talvez fantástico, criado pela Arte, de forma "banal" em uma brincadeira com objetos. Assim como as melodias dos violinos e da dança na areia da praia de Sofia, em *A praia dos Inúteis* (2020), e das sombras animadas em amarelo extravagante que perduram no tempo, experimentadas pela menina do livro *Sombras* (2018), nos mostra um tempo diferente do cronológico, um tempo de experimentação e descoberta. Um tempo quase impossível de se descrever em palavras, que, quem sabe, é capaz de deixar marcas subjetivas no sujeito e no espaço-tempo. Quando o tempo parece parar de correr, quando o sujeito está em um estado de exposição e se permite àquela vivência que se transforma em *experiência*, acredito que chegamos no terceiro modo de se nomear o tempo pelos gregos antigos: o tempo *aión*.

Segundo Kohan (2020), esse tempo perdura, é o puro presente, como se estivéssemos suspendidos no espaço-tempo. Para o autor a Arte e a Filosofia, por exemplo, seriam espaços permissíveis de experimentar esse tipo de tempo. A*ión* seria o tempo da experiência estética, da criação, da experiência artística. Pensar em *aión* no espaço-tempo escolar seria enxergar o tempo da educação como uma *experiência* que prolonga a temporalidade presente, que faz o tempo durar, faz com que se interrompa a sequência cronológica do tempo *khrónos*. Não qualquer experiência artística, é claro; já que não são todas que seriam capazes de alongar o tempo cronológico e fazê-lo perdurar, marcar nossos corpos.

Se colocarmos em questão o tempo da aula de Arte na escola, podemos perceber que essa matéria possui uma potência para se aproximar de um tempo *aniônico*. Isso porque, o próprio fazer artístico pode ser relacionado ao tempo que perdura, o tempo da criação, do estudo e da experimentação em Arte, que não é cronológico – ou pelo menos não deveria ser. Nesse sentido, podemos pensar que o ensino de Arte na escola pode ser capaz de criar ruídos em relação à noção de

temporalidade hegemônica na nossa sociedade – aquela do tempo da vida de todos os dias. Na escola, então, poderíamos pensar esse tempo como sendo capaz de promover relações afetivas entre os/as estudantes com os objetos artísticos. Mas também, é necessário pontuar que esse tempo é difícil de ser atingido, não possuímos um controle exato sobre ele, e, assim como *kairós*, não acontece de forma idêntica para cada sujeito.

Agora pensemos através do Teatro, linguagem artística que se desenvolve tanto no espaço como no tempo, diferente daquelas outras linguagens como a pintura, a escultura e a arquitetura que desenvolvem-se principalmente pelo vetor espaço. A linguagem teatral é efêmera, o espetáculo teatral e/ou o ensino de teatro acontece no "aqui e agora", no tempo presente. Portanto, o tempo é uma questão muito importante para o campo do Teatro. Para Patrice Pavis (2008), professor inglês de estudos teatrais, a instalação do presente cênico ocorre por conta de algumas temporalidades: o *tempo cênico*, aquele em que o espectador deleita o espetáculo, e o *tempo extracênico*, aquele em que se passa a história da peça. Além deles, o autor também fala sobre o *tempo iniciático*, aquele tempo que se instaura na grande noite do espetáculo. Antes mesmo dos/as espectadores irem ao Teatro, já na compra ou reserva dos ingressos, na ida até o espaço de apresentação, antes do toque do terceiro sinal, no encontro no saguão do Teatro, em meio às conversas mundanas. Esse tempo seria o *iniciático,* que precede o tempo do acontecimento teatral em si, sendo ele capaz de misturar o tempo real do espectador e o tempo ficcional do jogo teatral. É por meio dele que se cria um ritual, em meio a sua ausência não há teatro de verdade (Pavis, 2008).

Em vista disso, vamos relacionar agora a questão do tempo da aula de Arte/Teatro na escola com o tempo *iniciático* a partir do seguinte olhar: não precisamos estar imersos em um espetáculo teatral para estar realmente fazendo teatro na escola. Esse seria um dos diversos jeitos de se fazer teatro e, assim, estar mais próximo do tempo *cênico* e do *extracênico*. Questiono: O que o tempo *iniciático* pode nos inspirar em nossas aulas de teatro no ambiente escolar? Ao meu ver, esse

tempo já dá pistas sobre um jeito de se pensar o ensino de teatro e o próprio fazer teatral: o encontro entre as pessoas, a preparação do corpo para estar naquele ambiente, a ação/espera coletiva para que algo aconteça. Há aqui uma relação estrita com a aula de Teatro na escola que acredito e defendo: o foco mais no processo coletivo em sala de aula do que em um produto cênico bem elaborado e acabado, a descoberta e a experimentação dos elementos da linguagem cênica durante as aulas, o enfoque nos corpos juntos em ação e criação.

Entretanto, assim como a chegada da hora do almoço e o chamamento para o jantar nas histórias das meninas dos livros de literatura aqui apresentados, o tempo *khrónos* interrompe os momentos de suspensão. Na escola não é diferente, o som do sinal que indica a mudança de aulas, as interrupções diversas pelas demandas da instituição, as questões individuais de cada estudante, entre outras questões, marcam o espaço-tempo escolar e a realização (ou não) de determinados estudos e práticas em Arte/Teatro na escola. Por isso, o tempo *iniciático* se mostra interessante para pensarmos em uma aula de Teatro que se renova, que é cíclica, assim como a escola em si. Elas – a escola e a aula – precisam ser construídas, aos poucos, de ação em ação, cotidianamente. Como um ensaio, ou como uma preparação para estar como espectadores ou como artistas no palco, a aula precisa ser construída e reconstruída, dia após dia, não para se chegar a algum lugar futuro exatamente, mas para abrir espaço e tempo para experimentar e estudar juntos/as partes dessa linguagem artística.

Voltando à descoberta da menina no sótão de sua casa, se colocarmos em pensamento o próprio Teatro de Sombras, um dos modos de se trabalhar com o Teatro de Formas Animadas, podemos perceber que a sombra tem muito o que nos ensinar sobre o tempo. As imagens criadas nesse tipo de Teatro são frutos do trabalho corporal do ator e da atriz sombrista. Se realizado na escola como aula, os/as estudantes podem experimentar o lugar de criadores, seus corpos acabam tendo uma plasticidade que os colocam em um tempo de atuação que necessita de um ritmo determinado pelo que se quer contar e pelo tempo da imagem da sombra

ou da silhueta que se está dando vida (Oliveira, 2018). Um tempo de desaceleração, de retirar do espaço o excesso de informação, no qual o mais importante é o pequeno, o singelo, o detalhe. No auge da brincadeira/descoberta da menina em seu sótão, a mãe chama-a para jantar. A menina desliga as luzes e sai. Entretanto as sombras festejam na imensidão amarela. Essa poética da permanência das obras artísticas pode ser relacionada, ao meu ver, com as marcas deixadas pela experiência estética nos corpos dos estudantes. Um momento escolar que, quem sabe, se aproxima de um tempo *aión* nas aulas de Arte/Teatro, a depender do jeito de se propor, das circunstâncias, ocasiões e contextos. Mas, me questiono: será que o projeto de educação contemporâneo quer que os sujeitos sejam tocados, marcadores positivamente pela Arte? A partir desse percurso de pensamento, por meio de uma reflexão sobre o tempo da vida de todos os dias, dos tempos da escola e do tempo suscitado pela Arte dentro do ambiente educacional formal, o que significa ser tocado e marcado pelo ensino de Arte/Teatro na escola em meio a tais contradições?

4. SOBRE A INSTAURAÇÃO DE UMA ZONA TEMPORAL DE PERIGO

Resgatando a noção de *experiência* a partir de Larrosa (2016), no ponto em que o filósofo da educação aproxima, a partir da etimologia da palavra vinda do latim, o radical “periri” que se encontra nas palavras “perigo”, “travessia” e também na palavra “pirata”. Como o próprio autor enfatiza: “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (Larrosa, 2016, p. 26-27). A partir disso, podemos relacionar que o tempo da *experiência* é próximo àquele tempo *aiônico*, o sujeito da *experiência* se diferencia daquele que ao vivenciar o tempo não permite que algo aconteça consigo, que nada o toca, nada o ameaça (Larrosa, 2016). Trago essa figura poética e instigadora do pirata, junto da metáfora escolar da praia no início deste texto, para pensarmos em

nós, professores/as, e os/as estudantes enquanto sujeitos que construímos escola. O que essa figura pode instigar a pensar e fazer agir na sala de aula de Teatro?

Penso que, ao nos lançarmos para uma prática pedagógica na escola que pense a exposição do sujeito, que suscite uma travessia, um caminho de formação, que abra um espaço no tempo presente para que o sujeito se permita ser afetado, esse espaço-tempo concebido pelo/a professor/a junto aos estudantes se instaura como uma zona temporal de perigo. Se estamos nadando contra a corrente do imediatismo, do tempo da vida de todos os dias, das notas exigentes, das metas incessantes que devem ser cumpridas e realizadas com devido sucesso, quando focamos em um momento de parada, de repetição, de leitura, de estudo e de respiro estamos evocando um tempo perigoso. Em meio a sociedade da velocidade, a figura do pirata como esse ser que atravessa fortes ondas em alto mar, que denota uma situação de perigo ao aventurar-se nas correntezas, e que mesmo assim continua sua travessia, sem rumo, sem metas produtivas predestinadas, mas aguardando sua ocasião.

Através das palavras de Kohan (2020), percebemos que o tempo da *experiência* na escola é reivindicado a partir das ações pedagógicas de ler, escrever, estudar, e tem a ver com o trabalho do/a professor/a em sala de aula. Como podemos então, nós professores de Teatro na escola nos inspirarmos na figura do pirata, que enfrenta essa travessia perigosa, para experimentar um espaço-tempo contracorrente em nossas salas de aula? Nas palavras do autor: “É [pensar] o trabalho docente como presença no presente, durativo, intensivo” (Kohan, 2020, p. 7).

Por meio desse pensamento, ao meu ver faz sentido pensarmos a aula de Artes/Teatro na escola como um resgate do espaço-tempo de separação, uma aproximação à própria noção de *escolar* (Masschelein; Simons, 2021; Rancière, 2022), enxergar a aula de Arte na escola como um espaço-tempo inútil. A noção de zona temporal de perigo defendida aqui foge, em pequenas formas e maneiras de se fazer, da racionalidade neoliberal, veloz e instantânea da contemporaneidade,



pretende se aproximar de uma suspensão das lógicas de tempo focadas no futuro, na conquista excessiva, no progresso individual e social. Será que investir em uma outra lógica de tempo na sala de aula de Arte/Teatro nos dá coragem para experimentar a ignorância, a descoberta, a experimentação? Essa exposição, a ação de se permitir "errar", tem relação com esse perigo que venho dissertando neste texto.

5 SOBRE ESSE MERGULHO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mergulho teórico realizado neste texto parte do questionamento do tempo na/da educação e de algumas temporalidades presente na escola e nas nossas vidas para se pensar então a necessidade de se apostar em um tempo *aión* na aula de Artes/Teatro, de um tempo perigoso a lógica produtiva. Percebo que o ensino de Arte/Teatro empobrece ao mover-se por espaços-tempos impregnados pela objetividade, pela aceleração e pela racionalidade exacerbada. O foco aqui não foi propor metodologias ou jeitos de fazer em sala de aula de teatro que possivelmente tocasse na questão de um tempo mais lento e desacelerado, mas sim realizar uma reflexão teórica e ensaística sobre o tempo na aula de Arte/Teatro. A questão do como, tão importante quanto as reflexões aqui escritas, ficaram para um posterior estudo.

Conforme as reflexões sobre o tempo até então, podemos pensar do porquê e pra que Arte nas escolas? Essa pergunta corriqueiramente é feita pelos estudantes, coordenadores escolares, educadores e pela sociedade em geral. Ao contrário de querer dar uma utilidade ao ensino de Arte/Teatro na escola, reformulo a pergunta: O que a aula é capaz de fazer no espaço-tempo escolar? Respondo-a com outras perguntas; deixemos o Teatro falar por si mesmo. Por que nos emocionamos ao assistir/participar de uma peça de teatro? Por que paramos para ouvir o outro? Por que fazer uma roda? Por que tirar os sapatos para entrar na sala de aula/de ensaio? Por que insistir em enraizar os pés no chão como as raízes de uma árvore? Por que



olhar nos olhos de nossos colegas/parceiros de cena? Por que respeitar o limite do corpo do colega em cena/aula? Por que respeitar os nossos próprios limites em cena/aula? Por que experimentar um pouco a mais do que achávamos que conseguiríamos em sala de aula/de ensaio? Por que escolher precisamente as palavras para responder em sala de aula e para estar em cena?"

Imagine um imenso mar à sua volta. A água banha as partes do seu corpo, a temperatura está ótima. A sensação refrescante é gostosa. Ao sair do mar você percebe que a água abriu seus poros, desmanchou todo o suor, endureceu seus cabelos. Você não sente mais seu corpo da mesma forma. Você está diferente, algo lhe aconteceu. Você não sabe explicar muito bem. Só percebe que o sal e a areia desenham linhas entre sua pele.

Termino este texto ensaístico com as palavras de Krenak, filósofo indígena brasileiro. Em seu livro *A vida não é útil* (2020) o autor nos instiga: “Nós estamos, em nossa relação com a vida, como um peixinho num imenso oceano, em maravilhosa fruição. Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a vida” (Krenak, 2020, p. 109).

Referências:

DÁRIO JR., I. R.; SILVA, L. F. da. A escola como experiência: entrevista com Walter Omar Kohan (The school as an experience: interview with Walter Omar Kohan). *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 298–304, 2018. DOI: 10.14244/198271992297. Disponível em: https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2297. Acesso em: 8 jun. 2023.

KOHAN, Walter O. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 15, p. 1–9, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212. Acesso em: 8 jun. 2023.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

LARROSA, Jorge. *Tremores*: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. *P de professor*. São Carlos: Pedro & João, 2018.

LEE, Suzy. *Sombras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola:* uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NOGUÉS, Alex. *A praia dos inúteis*. 1ª ed. São Paulo: Editora Biruta, 2020.

OLIVEIRA, Fabiana Lazzari de. Da prática pedagógica à atuação no teatro de sombras: um caminho na busca do corpo-sombra. 2018. 308 p. *Tese* (Doutorado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Doutorado em Teatro, Florianópolis, 2018. Disponível em: https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000077/00007768.pdf. Acesso em: 10 jun 2023.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2008.

RANCIÈRE, Jacques. Escola, produção, igualdade. In: CARVALHO, José S. F. (Org.). *Jacques Rancière e a escola*: Educação, política e emancipação. São Paulo: Autêntica Editora, 2022.

SILVEIRA, Túlio F. *Navegações entre arte e docência: cartas sobre o ofício de professor(a) de teatro*. 2022. 128 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Licenciatura em Teatro, Florianópolis, 2022. Disponível em: http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a0/0000a081.pdf. Acesso em: 9 jun. 2023.

Túlio Fernandes Silveira
Mestrando em Artes Cênicas do PPGAC/UDESC, vinculado a linha de pesquisa Pedagogia das Artes Cênicas. Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) É professor de teatro, produtor cultural, pesquisador e ator. Desenvolve pesquisa na área de Teatro na Escola. Foi professor temporário da Rede Estadual de Ensino de SC no município de

Tubarão/SC. Foi educador social de Teatro na Associação de Atendimento a Criança e ao Adolescente (Combemtu) em Tubarão/SC. Dentro do percurso formativo da graduação em teatro, foi bolsista de iniciação científica do projeto Leitura e Teatralidade: literatura juvenil e escola, coordenado pela Profa. Dra. Heloise Baurich Vidor e do projeto Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância, coordenado pelo Prof. Dr. Vicente Concilio e também foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Foi ator da companhia de teatro Devá-jù no espetáculo Adolescer em Porto Alegre/RS. Foi ator, produtor e co-diretor da companhia de teatro Encena Dehon de Tubarão/SC. Tem experiência na área de Artes Cênicas/Teatro, com ênfase na Pedagogia das Artes Cênicas e no ensino do teatro.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6747-1443
E-mail: tulio.fs@hotmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 16 de agosto de 2023
Aceito em 27 de setembro de 2023
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/